



A CTAS DA VI REUNIÃO INTERNACIONAL DE CAMONISTAS

Seabra Pereira
Manuel Ferro
Coordenação

Leodegário A. de Azevedo Filho

Professor Emérito da UERJ e Titular da UFRJ – Rio de Janeiro

SOBRE A ACENTUAÇÃO PAROXÍTONA DO VOCÁBULO “SISIFO” NA LÍRICA DE CAMÕES

Causou alguma estranheza à crítica despreparada a acentuação paroxítona do nome próprio *Sisifo* no terceiro volume da nossa edição da *Lírica de Camões*, dedicado às *Canções* em seu primeiro tomo – pois o segundo tomo é reservado às *Odes* –, recentemente publicado pela Imprensa Nacional – Casa da Moeda, de Lisboa. Houve mesmo quem me assegurasse, com habitual autoridade e não menor segurança afirmativa, que o vocábulo devia levar acento na antepenúltima sílaba, como proparoxítono ou esdrúxulo, sendo esta a pronúncia culta de Camões.

Pois bem, nesta brevíssima comunicação, que apresentamos à VI Reunião Internacional de Camonistas, vamos discutir o assunto, começando pela observação de que a acentuação de nomes próprios na epopeia camoniana, matéria por nós considerada em artigo publicado em *Annali dell'Istituto Universitario Orientale*, Sezione Romanza, XXXII, 2, 1990, pp. 337-346, está a exigir cuidadoso estudo, em face de algumas edições d'*Os Lusíadas* e das *Rimas* com manifestos erros sobre a questão. E aí tratámos dos seguintes casos ortoépicos ou prosódicos: *Abila* e não *Ábila*; *Amon* e não *Ámon*; *Anibal* e não *Anibal*; *Artabro* e não *Ártabro*; *Axio* e não *Áxio*; *Candace* e não *Cândace*; *Centimano* e não *Centímáno*; *Ciniras* e não *Cíniras*; *Cleopatra* e não *Cleópatra*; *Climene* e não *Clímene*; *Dário* e não *Dario*; *Demodoco* e não *Demódoco*; *Eolo* e não *Éolo*; *Efire* e não *Éfire*; *Gedrosia* e não *Gedrósia*; *Flafira* e não *Gláfira*; *Helicon* e não *Hélicon*; *Heliogabalo* e não *Heliogábaló*; *Leucothôe* e não *Leucótoe*; *Naiade* e não *Náiade*; *Pantea* e não *Pântea*; *Piróis* e não *Pírois*; *Policena* e não *Polícena*; *Semele* e não *Sémele*; *Taprobana* e não *Tapróbana*; *Zopiro* e não *Zópiro*. Ao analisar os casos citados, procurámos mostrar que, no português quinhentista de Camões, embora a fase fosse de ampla relatinização do idioma, nem sempre a norma era a de acentuar-se o nome próprio latino à latina, o mesmo ocorrendo com o nome próprio grego, por via do latim.

Antes de nós, como indicámos no artigo citado, trataram do assunto, entre outros, o filólogo português A. Epifânio da Silva Dias, no *Registo Philologico* da sua conhecida edição d'*Os Lusíadas*, a propósito do vocábulo *Taprobana* (paroxítono e não proparoxítono), e o filólogo brasileiro Celso Ferreira da Cunha, em seu artigo “Sobre a pronúncia camoniana de alguns antropônimos”, publicado na revista *Studia*, do Colégio Pedro II, ano XII, nº 12, dezembro de 1982, pp. 33-39. Por certo, na epopeia camoniana, em vários casos, a acentuação de nomes próprios de origem greco-latina

coincide com a prosódia latina, como no caso de *Tírio*, nome de homem, de grego *Tityros*, de *tityros* (bode, carneiro) pelo latim *Tityru*, neste verso: “Imitando de *Títiro* as Camenas” (*Lus.*, V, 63). Mas quando não há coincidência, como nos casos acima indicados, tem-se explicado o fenómeno por hiperbibasmo, em função do conceito de liberdade poética, a exemplo do que faziam os próprios escritores latinos com palavras de origem peregrina, usando breves como longas e vice-versa, para atender às necessidades rítmicas do verso. Mas cremos, como o Prof. Doutor Sílvio Elia, eminente linguista brasileiro e sábio camonista, que os escritores deviam seguir o próprio uso da língua nos séculos XV e XVI, cuja prosódia naturalmente se estendeu pelos séculos XVII e XVIII, como igualmente pensa António Houaiss, Mestre em Ecdótica, sem qualquer anormalidade ou desvio de padrões, exactamente porque ainda não havia normas fixas sobre o assunto. Na verdade, tais normas só foram fixadas, e assim mesmo aos poucos, a partir do século XIX, graças ao desenvolvimento dos estudos de gramática histórica ou linguística diacrónica. E isso não apenas em nomes próprios, mas também em nomes comuns, como *archetipo* (X, 79) por *arquétipo*; *Capadozes* (III, 72) por *Capádoces*, habitantes da *Capadócia* (Ásia Menor), modernamente *capadócius*; *epitheto* (X, 124) por *epíteto*; *Etiopes* (V, 62) por *etiopes*; e *Idolatra* (VII, 73; VIII, 85; e X, 147) por *idólatra*, entre vários outros casos. Em geral, são palavras eruditas, por empréstimo linguístico feito directamente ao latim, mediante certas adaptações fono-morfológicas.

Mas como explicar o desvio da prosódia latina, na passagem directa do latim clássico para o português literário, antes mesmo que os vocábulos entrassem na língua culta falada?

A nosso ver, a explicação é perfeitamente compreensível: o padrão prosódico da língua portuguesa, bem assim o da castelhana, é dado pelo vocábulo paroxítono ou grave, seguido pelo agudo, jamais pelo proparoxítono ou esdrúxulo. Assim, no século de Quinhentos, a pronúncia podia seguir como a do século XV, ou seja, conforme o padrão prosódico geral da língua, muito vezes sem levar em conta a acentuação latina, depois refeita por restauração erudita. Basta ler qualquer autor quinhentista, entre os grandes clássicos da língua, que logo salta aos olhos a penetração, na língua literária, de formas linguísticas colhidas directamente no latim literário, não sendo Camões uma excepção, mas alto e significativo exemplo. Com efeito, em Sá de Miranda encontram-se *Abila* (147, 101) e *Anibal* (105, 40 e 63; e 110, 8), do mesmo modo que em Camões. E também em autores castelhanos, como indica A. Epifânio da Silva Dias, na p. 340 da edição já aqui referida, de igual maneira fazendo Celso Ferreira da Cunha, em artigo também citado aqui. A propósito, lembra o saudoso Antenor Nascentes, em *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (Nomes Próprios), que *Anibal*, como oxítono ou agudo, é a forma encontrada no *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Resende (III, 106; IV, 273; IV, 345; e V, 178); em Camões (VII, 71; e X, 153); e tal forma linguística chega ao século XVIII, como se pode ver em Tomás António Gonzaga (*Marília de Dirceu e mais Poesias*, edição do igualmente saudoso M. Rodrigues Lapa). Eis o verso: “Pretendem *Anibais* honrar a História”, conforme se lê na terceira edição da obra citada, da conhecida Coleção de Clássicos Sá da Costa, publicada em Lisboa, 1961, p. 173.

Em nossa edição da *Lírica de Camões*, já aqui referida, é claro que temos procurado respeitar a pronúncia da época e do Poeta, revelada pelo ritmo dos versos. Sirvam como simples exemplos, para não alongar os limites desta brevíssima comunicação,

os seguintes: “*Naiades*, vós que os rios habitais”, p. 453 da nossa edição, embora se leia *Náiades* em vários editores modernos, o mesmo ocorrendo com *Driades*, vocábulo paroxítono ou grave, e não proparoxítono, no mesmo soneto, embora em latim fosse *Dryade*, aparecendo *Driade* (proparoxítono) em vários editores modernos. Sobre o assunto, veja-se o comentário que fizemos na p. 463 da nossa edição, primeiro Tomo dos *Sonetos*, pois desde aí a questão tem causado “erudias estranhezas” em alguns críticos que nada sabem do *usus scribendi* do Poeta e de sua época. Em verdade pura, na língua de Camões, como na língua dos demais poetas portugueses e castelhanos da mesma época, não se pode afirmar – a despeito da autoridade com que o fazem – que houvesse uma norma rigorosamente estabelecida para a acentuação dos nomes próprios (e também comuns) de origem latina (ou grega pelo latim), pois tais nomes tanto podiam, dentro de um processo de descodificação e recodificação textual, na passagem do latim literário para o português literário, ajustar-se à prosódia latina, desenvolvendo-se então formas proparoxítonas, com novos ritmos vocabulares, estranhos ao português arcaico, como podiam aparecer de acordo com o padrão prosódico trocaico ou grave, dominante nas duas línguas românticas, a portuguesa e a castelhana. Há mesmo casos curiosos, como neste verso: “Olha o cabo *Asaboro*, que chamado” (X, 102), do latim *Asaborum*, genitivo plural de *Asabi*, nome do povo, como ensina Antenor Nascentes em seu *Dicionário Etimológico*, acrescentando que João de Barros, III, 6, 4, tomando o genitivo por um nominativo neutro (em *Asaborum promontorium*), traduziu por *Asaboro*, no que foi seguido por Camões.

Chegamos assim ao verso nº 95 da Canção “A instabilidade da Fortuna”, em seguida transcrito: “Não te espantes, *Sisifo*, deste alento”. Nem A. Epifânio da Silva Dias, nem Celso Ferreira da Cunha, em textos já aqui referidos, trataram do assunto. Ou seja: da pronúncia *Sisifo* e não *Sísifo*, certamente porque o vocábulo não aparece em nenhum dos versos d’*Os Lusíadas*. Mas o verso lírico acima transcrito claramente revela a pronúncia paroxítona do *Sisifo* (e não *Sísifo*), por força da acentuação tónica na sexta sílaba do belo decassílabo. Aliás, sem perceber isso, o erudito Faria e Sousa, em sua conhecidíssima edição, contrariando os manuscritos da época, com evidente propósito de “corrigir” o ritmo do verso camoniano, alterou-lhe arbitrariamente a ordem das palavras: “*Sísifo*, não te espantes deste alento.” E tal emenda “correctiva”, de todo improcedente, além de aparecer na famosa *Antologia*, de Agostinho de Campos, foi também acolhida na edição chamada crítica de José Maria Rodrigues e Afonso Lopes Vieira, publicada em Coimbra, em 1932.

Como acima se vê, já não basta ficar apenas com a tradição impressa dos textos líricos de Camões. Será preciso ir aos manuscritos da época, em busca da perdida voz do Poeta, tão estudado e ainda tão pouco conhecido. Queremos dizer: será preciso, urgentemente, reinaugurar a lírica de Camões, com nova metodologia, pois os caminhos até aqui seguidos, na verdade, induziram os editores a poucos resultados positivos.